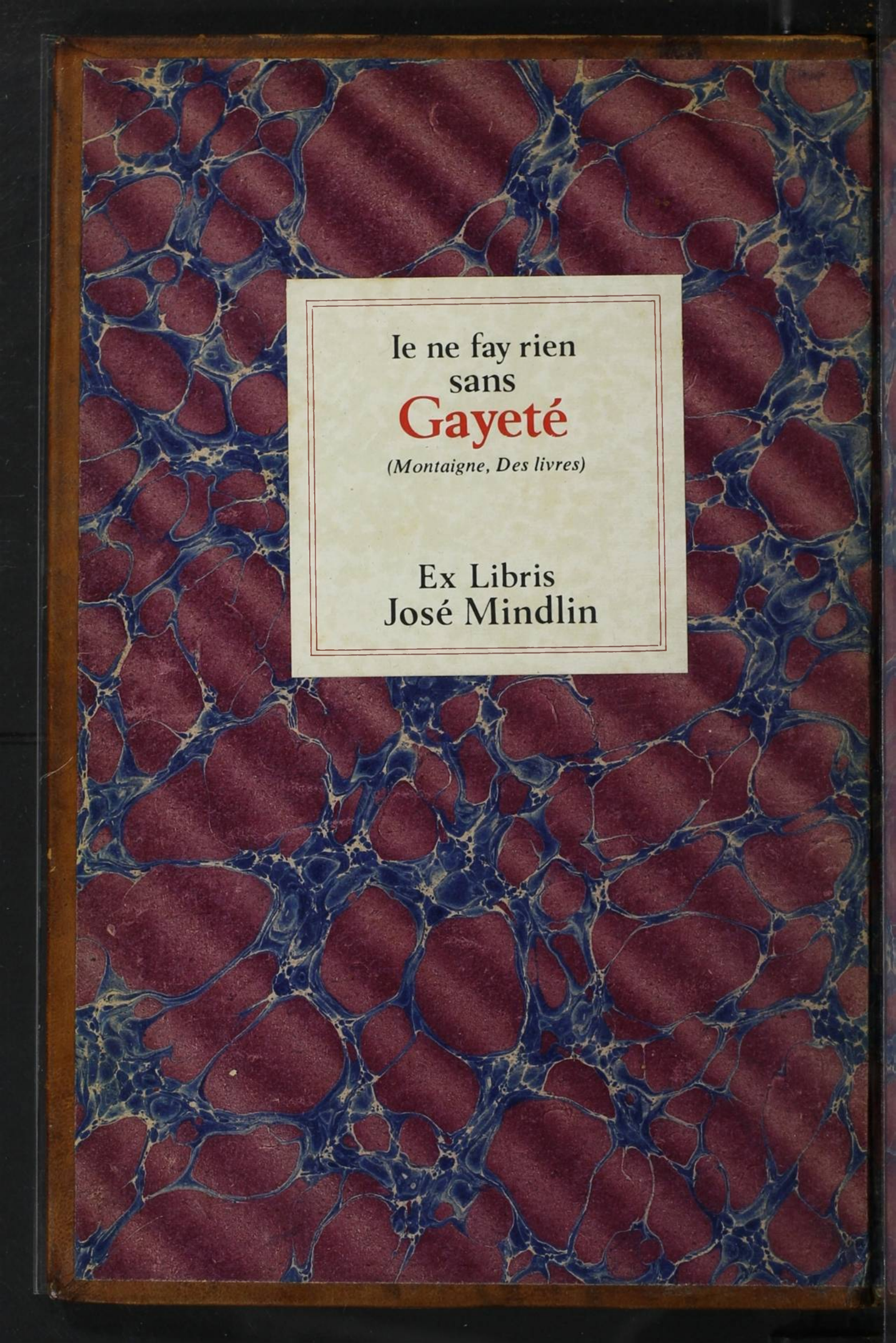
Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

I 72
V.b. 1181
n° 75.

1822

CARTA
PASTORAL.

Herd.·. do P.·. F.·. em Janeiro de 1846

1822

B. D. da V.

D. JOSÉ CAETANO DA SILVA COITINHO, por Mercê de Deos, e da Santa Sé Apostolica Bispo do Rio de Janeiro, Capellão Mór de Sua Magestade Fidelissima, e do Seu Conselho, Prezidente da Meza da Consciencia, e Ordens &c.

A todo o Clero Secular, e Regular da Nossa Dioceze Saude, e Benção na paz do nosso bom Deos, e Senhor Jezu Christo.

A MAÕ do Omnipotente, que no anno de 1808 troxera o Senhor Rey Dom João VI. ao Brazil para abrir os seus portos fechados ao commercio das Nações, para o levantar do estado abjecto de Colonia, em que jazia, para o collocar na sublime categoria de Reino a par dos povos livres, e civilizados da Europa, e da America; esta Mão sempre constante, e generosa he a mesma, que agora no anno de

1822 retem o Principe Regente no Brazil para ultimar o acto da sua emancipação, e coroar a grande obra da sua felicidade. Elle reconhece, e respeita os seus direitos inauferiveis; jura solemnemente á face dos Ceos, e da Terra as leis fundamentaes de huma Constituição liberal; proclama, e defende a Independencia bem entendida de todo o territorio Brazileiro; e convoca finalmente a Assembléa geral Constituinte, e Legislativa dos seus Representantes: e esta Assembléa parece ser o unico meio imaginavel, que pode fazer a suspirada uniaõ das Provincias agitadas, e vacilantes; a Anchora sagrada capás de sustentar os Direitos, as prerogativas, e os fóros do Reino, e do Regente do Brasil á vista das tempestades, que os ameação. O Senhor Deos Omnipotente, e Benigno queira fazer prosperar por muitos Seculos venturozos esta Maravilha, esta Mudança que tam vizivelmente se conhece, que naõ podia vir-nos de outra parte, que naõ fosse a propria dextera do Excelso = *Hæc mutatio dexteræ Exselsi .... ille est, qui facit mirabilia magna solus.*

Seria precizo ter o espirito halucinado pelos sophismas da impiedade, e o coraçaõ vazio dos mais affectuozos sentimentos da Reli-

giaõ para naõ agradecer, e louvar a Providencia Divina, que taõ cuidadoza se tem mostrado em beneficio do Brasil nestas duas épochas assignaladas, que fazem as mais bellas esperanças da geraçaõ prezente, e faraõ a mais doce memoria das gerações futuras. Maiormente quando se observar, que a Providencia Divina tem preparado por si só os acontecimentos, e realizado os factos estrondozos daquellas duas épochas por hum modo maravilhozo, e digno della, contra os calculos, e ainda contra os esforços de toda a Politica humana: na primeira épocha sahio do Tejo o Principe Regente de Portugal, a pezar dos votos do seu Conselho de Estado, com dor, e magoa da saudoza Lisboa, com dezesperaçaõ, e raiva dos crueis inimigos, que o perseguiraõ; e vem felicitar o Brasil, que o naõ esperava: na segunda épocha fica perpetuamente prezo de gratidão, e de amor no Rio de Janeiro o Principe Regente do Brasil, a pezar dos grandes planos, e das imperiosas decizões do Congresso de Portugal, que o chamava para a Europa, e que debalde se tem arrependido. He assim, que se manifestaõ claramente os dizignios occultos da Providencia em favor do Brazil, e que os destinos deste parecem estar ligados com a sorte dos Princi-

pes da Dynastia de Bragaça: nenhum delles descobriu, ou conquistou o Brasil com ferro, e sangue; mas foraõ elles, que primeiro reconheceraõ, e firmaraõ de seu Regio punho a nobre condiçaõ de homens, e de Cidadãos nos tristes Indigenas do paiz, os malfadados Indios; foraõ elles que acabaraõ de tirar do dominio dos Donatarios as suas ricas, e vastas provincias; foraõ elles, que primeiro proclamaraõ a Independencia do seu territorio, e do seu Governo; e os Principes desta inclyta, e Augusta Dynastia naõ perderáõ já mais o direito incontestavel, que tem ao reconhecimento eterno de todos os póvos do Brasil.

Dilectissimos Irmaõs em Jezu Christo, Cooperadores do Nosso Ministerio Santo, Illustres Ministros da Nossa Igreja Cathedral, Reverendos Parochos, e Capellaens Curados, Respeitaveis Prelados das Ordens religiozas, Sacerdotes todos, que rezidis nas cinco Provincias da Nossa vasta Dioceze; Qual de nós poderá ficar indifferente immovel no meio da agitaçaõ, e do alvoroço universal? Quem deixará de tomar a sua parte na alegria, e no contentamento publico, que rezulta da publica felicidade? deixará de sentir hum novo estimulo de zelo, hum novo fervor de espirito á vista

de successos tam rapidos, e tam extraordinarios, quanto saõ propicios, e lizongeiros aos póvos, que se achaõ confiados á nossa direcçaõ, á nossa caridade, e á nossa paternal solicitude? Elles nos olhaõ, nos observaõ, e nos vigiaõ por todos os lados, para nos arguirem, ou para nos louvarem da nossa conduta, pelo direito, que tem, e que Jesu Christo lhes deu, de exigirem de nós o conhecimento, e a promoçaõ de seus verdadeiros interesses, e da sua verdadeira felicidade, que deve começar ja nesta vida; ainda que só se possa consumar na eternidade. Naõ, nós naõ devemos calar-nos por por mais tempo sobre objectos de tanta publicidade, e importancia: o nosso silencio nas actuaes circunstancias tam urgentes, e tam criticas com justa razaõ deveria parecer mais affectação do que modestia, mais malicia, que virtude.

He verdade, que o reino de Deos naõ he deste mundo; que os Sagrados Concilios nunca foraõ assembléas de Politica; que a cadeira do Evangelho naõ deve ser a tribuna dos Comicios; e que aos Ministros da Igreja naõ pode competir de modo nenhum a discussaõ dos negocios do Estado: Será sempre hum absurdo contradictorio, e hum grande crime na conducta Sacerdotal, que os Anjos da reconciliaçaõ, e

da paz no meio do povo, se tornem demagogos, chefes, instrumentos, ou sequazes de facções, e de partidos; que se intromettaõ a ser architetos de novos edeficios sociaes, demolindo humas Constituições, organizando outras, e tentando todas as formas imaginaveis de Governos, aquelles, que devem ser os mais perfeitos modellos da subordinaçaõ, e da obediencia ás leis de qualquer Governo; e que ponhaõ toda a sua ambiçaõ, toda a sua gloria vaã nas coizas da terra, os Mestres do espirito, e os conductores das almas para o Reino do Céo.

Mas, por outra parte, Dilectissimos Irmãos, se a cauza do Brasil he justa, e bem fundada; se he util, e glorioza para os seus habitantes; se todos a querem, dezejão, suspirão, anhelão por ella; seremos nós os unicos, que deixaremos de ser Cidadãos? E deixaremos de ter Patria? Não; esta qualidade he inseparavel de todo o homem, que vem a este mundo. O caracter de Cidadão pode chamar-se o Sacramento da Natureza; caracter indelevel, impresso por Deos mesmo, que nos convida, e nos impelle a vivermos em Sociedade; Sociedade pacifica, e bem ordenada de mutuos socorros; elle nos obriga ainda sem a

nossa deliberaçaõ, pelos nossos proprios interesses, por nossas precizões, por nossas idéas, e instinctos, por nossos affectos, e sympathias, por mil impulsos irrezistiveis, pela imperioza voz da Natureza. E se naõ podemos deixar de ser Cidadaons, e de ter patria, qual escrupulo nos poderá embargar de abraçar-mos, de promover-mos, de justificar-mos todas as Mudanças, que desterrando velhos abuzos intoleraveis, vaõ melhorar a sorte do Cidadão, e da Patria? Naõ saõ estas Mudanças preparadas, e conduzidas de longe pela propria maõ benefica, e omnipotente da Providencia Divina, como já vimos? Naõ saõ ellas consentidas, aprovadas, proclamadas pelos Principes da Dynastia de Bragança, os verdadeiros, os unicos Chefes de toda a grande familia Portugueza, dispersa pelas quatro partes do mundo; os especialissimos Bemfeitores, e Defensores do Brazil, os gloriozos instrumentos de todas suas venturas? E sobre tudo naõ deve completamente consolar-nos, que estas Mudanças naõ offendem, nem tocam levemente na substancia da Santa Religiaõ Catholica, Apostolica, Romana, que professamos, e que professaraõ nossos Paes? Sim elles a respeitarão, e amarão como objecto o mais caro a seos

corações, elles experimentarão por muitos Seculos os effeitos da sua unção celeste, deste balsamo divino, que suaviza as amarguras, e as miserias inseparaveis da triste humanidade, que faz as nossas mais puras delicias na vida prezente, e que hade produzir a nossa immortal felicidade. As repetidas acclamações da nossa Santa Religiaõ ao mesmo tempo que são o sello authentico da justiça e da boa fé, com que se tem feito as actuaes mudanças politicas entre Portuguezes, saõ igualmente o auspicio mais seguro da sua duraçaõ, e da sua prosperidade: nem Nós podemos deixar de manifestar agora o vivo interesse, e o intimo prazer d'alma, que experimentamos todas as vezes, que vemos, e ouvimos nos papeis publicos, ou nos discursos particulares, nos ajuntamentos civicos, nos Congressos nacionaes, nas acclamaçoens populares do meio das praças, o gosto, e a satisfaçaõ com que se diz = Viva a Constituiçaõ, ... Viva a Religiaõ..... a Santa Religiaõ de nossos Paes! = Naõ; as Auctoridades, e os Reprezentantes de hum tal povo nunca poderiaõ ainda, que quizessem, violar, ou bolir no deposito sagrado da Religiaõ dos Portuguezes; e ella continuará a fazer nasidades futuras, como tem feito nas pas-

sadas, o maior timbre da sua honra, e o mais illustre brazaõ da sua gloria.

Eia pois, Dilectissimos Irmãos em Jezu Christo, Nós que estamos collocados no alto lugar da Igreja de Deos como candieiros, e fachos para espalhar a luz da verdade; Nós que occupamos o Magisterio publico da Moral, e da virtude; Digamos, Préguemos aos póvos, que nos rodeiaõ, e nos observaõ; que a cauza da Patria he Santa, immaculada, irreprehensivel; que nada tem contra a Moral do Evangelho, ou contra as virtudes Christans, especialmente contra a Caridade, que tam longe está de lhe ser opposta que pelo contrario ella he o seu mais firme apoio, como baze fundamental de todas as virtudes sociaes. Somente da Caridade Evangelica he que podem rezultar a verdadeira amizade, e a fraternidade entre todos os homens, grandes, e pequenos, pobres, e ricos, sabios, e ignorantes, fidalgos, e plebeos; e apezar das vans distincções inventadas pela soberba, e pelo capricho do mundo, mas que todavia saõ igualmente necessarias ao mundo, e ao Evangelho, para que agora se conheça a differença de Christo, e de Belial, e para que algum dia se manifeste a verdade, e a gloria do Senhor. Somente da Caridade pode re-

zultar a verdadeira generozidade, e grandeza d'alma, que naõ conhece as viz paixões da inveja, e da vingança, que sabe tolerar os defeitos de nossos similhantes, que sabe interpetrar a boa parte as palavras, as acções, os procedimentos repentinos, e mal considerados, abrandar, e diluir os azedumes, e os resentimentos do coração, perdoar, e esquecer os agravos, e insultos, retribuir hum beneficio por huma injuria. Somente d'ella pode rezultar a verdadeira moderação capaz de conter os naturaes estimulos da ambição, da vaidade, e do orgulho, capaz de ouvir com serenidade as opiniões, os erros, e as loucuras dos outros homens, sem se abalar, sem se deslizar hum apice do recto caminho da razão, e da justiça, que nos convencem, e nos gritaõ dentro d' alma, e da consciencia. Somente da Caridade Evangelica, que não voga á discrição dos interesses, e das pompas do mundo, mas que tem as suas raizes noCéo, e a sua garantia nas promessas de Deos infallivel, somente desta virtude Divina he que pode rezultar a verdadeira fortaleza de espirito, a firmeza de caracter tam admiravel em todos os tempos, e tam necessaria nas revoluções dos póvos; que nunca prefere o seo gosto, e o seo bem particular, ou o bem de

poucos ao bem geral de todos, mas que se decide sempre pela cauza publica, e pelo bem da Patria, que he o bem da humanidade; que tanto se faz amavel aos homens pacificos, e bem intencionados, quanto he terrivel, e abominavel aos preversos, mas não teme, não se retrata, não se avilta, naõ atraiçoa o seu dever; despreza os convites, e as promessas, os planos, e projectos lizongeiros de commando, de vangloria, e de fortuna; foge dos Clubs secretos, e mysteriozos, sempre suspeitos, e por isso illicitos; reziste aos conloios; cabalas, intrigas, reprimê os facciozos, e mal intencionados, tira a mascara aos hypocritas demagogos, tyranos desfarçados, aduladores do povo enganado, previne, ou dissipa os tumultos, e revoltas, as rixas, e contendas, as guerras civis; ou morre nellas victima glorioza da honra, e da virtude.

Eis aqui, Dilectissimos Irmãos, como prégando Nós a Caridade Evangelica ao povo, tam lenge estamos de exceder a mansidão ecclesiastica, ou de augmentar o barulho das facções, e dos partidos, que antes pelo contrario nenhuma outra classe de Cidadãos poderá ter, como nós temos huma influencia mais doce, e ao mesmo tempo mais efficas para conciliar oppoziçõe, e discordias; para salvar

a Patria dos horrores, e dos estragos da anarchia; para unir, e concentrar as vontades de muitos em hum só ponto de força, e de empulso moral, que naõ deixe nunca parar, ou divergir o movimento progressivo da Maquina do Estado; em huma palavra para dirigir, e consolidar a empreza, em que nos achamos, tam grandioza; como arriscada.

Préguemos por tanto Dilectissimos Irmãos em Jezu Christo, préguemos a Caridade Evangelica aos póvos que reclamaõ o nosso auxilio, e a nossa cooperaçaõ nos seus difficeis trabalhos; e préguemos mais com exemplos vivos, e efficazes, do que com palavras, e discursos de apparato, e ceremonia. Excitemos hum pouco mais o nosso zelo pastoral, e afervoremos o nosso espirito a proporçaõ da maior necessidade das ovelhas; naõ percamos huma só occaziaõ, hum momento opportuno; e ainda mesmo importunamente, como nos recommenda o Apostolo, naõ cessemos de inspirar, de persuadir, e de convencer o povo, que o unico meio, que temos de sermos todos felices he o respeito, e a devoçaõ pura, e cordial da nossa Santa Religiaõ; a pratica sincera, e fiel de todos os Divinos Mandamentos, que todos nascem da unica fonte celestial da Cari-

dade, e se derivaõ nos dois amenos rios caudaes do Amor de Deos, e do Amor do proximo. Desenganai-os huma, e muitas vezes, que a Providencia Divina, que tam sabia, e generozamente tem começado a felicidade do Brazil, naõ costuma derramar os seus beneficios sobre hum povo ingrato, e rebelde ás suas graças, e auxilios; hum povo libertino, esquecido de Deos, idolatra de seus apetites, relaxado, e corrompido em seus costumes, enthusiasta dà liberdade, mas escravo de paixões torpes, e criminozas: porque entaõ aquelles acontecimentos, que só pareciaõ insignificantes desavenças de algumas classes, ou Provincias tornaõ-se nos phrenesins da anarchia universal; e saõ sepultados n'hum abysmo de desgraças, como réos inimigos de Deos aquelles mesmos. que começaraõ a ser favorecidos, e amados em quanto filhos opprimidos, e innocentes. Dezenganai-os: mostrai-lhes os exemplos de taes desgraças tam terriveis, como estrondozas, de que estaõ cheias as historias sagradas, e profanas, e que a misericordia do Senhor queira afastar para longe da nossa Patria.

Inculcando porém, e persuadindo ao povo a guarda de todos os Mandamentos em geral, devemos ter em vista muito particular o quar-

to preceito do Decalogo, que he o primeiro dos nossos deveres para com os homens, depois dos nossos deveres para com Deos: elle he o mais importante principalmente no tempo das revoluções do Estado, porque he o fundamento essencial de todas as sociedades humanas, ou sejaõ domesticas, ou politicas. Respeito, e obediencia aos nossos Superiores: esta Lei Natural, e Divina, e inderogavel nos he continuamente promulgada, e intimada pelo grito da consciencia, pela trombeta dos Profetas, dos Apostolos, e dos Evangelistas; confirmada pelos heroicos exemplos das mais illustres personagens de hum, e outro Testamento, e até santificada pelos exemplos de Nosso Senhor Jezu Christo filho de Deos vivo. Respeito, e obediencia aos nossos superiores: oxalá que Nós tivessemos o poder de gravar esta Lei nos corações de todos os nossos amados Diocezanos com caracteres de fogo inextinguivel! Por que de outra maneira he absolutamente impossivel subsistir por muito tempo hum Imperio, huma Monarchia, huma Republica, hum pequeno Estado, huma só familia. = *Regnum in se ipsum divisum desolabitur;* = diz Nosso Senhor Jesu Christo no Evangelho, sanccionando por sua auctoridade Divina o axioma da razaõ,

da natureza, e da experiencia dos Seculos.

Dilectissimos Irmãos em Jesu Christo, Cooperadores do Nosso Ministerio Santo, Illustres Ministros da Nossa Igreja Cathedral, Reverendos Parochos, e Capellães Curados, Respeitaveis Prelados das Ordens religiozas, Sacerdotes todos, que residis nas cinco Provincias da Nossa vasta Dioceze; cada hum de nós segundo o lugar em que se acha, e do melhor modo que lhe for possivel, instemos todos de mãos dadas para o santo fim da salvaçaõ da Patria: humas vezes ordenemos, e Mandemos áo povo em nome de Deos Omnipotente, Supremo Regulador, e Legislador dos mundos; outras vezes peçamos humildemente, e suppliquemos até com lagrimas, que respeitem, que obedeçaõ aos seus Superiores; ao Governo actualmente estabelecido, e proclamado no Brazil, e ás Auctoridades por elle constituidas. Sejamos nós os primeiros; demos nós o mais claro, e decidido exemplo deste respeito, e desta obediencia á todos os nossos Superiores, segundo a sua graduaçaõ, e em primeiro lugar ao Senhor Rei D. João VI., e ao Principe Real Seu filho, e Seu herdeiro, que occupa o Seu lugar como Regente, e Defensor perpetuo do Brazil.

Demos testimunhos publicos, e constantes do nosso amor, e da nossa fidelidade pelas suas Augustas Pessoas, Sagradas, e inviolaveis; e estes nossos testimunhos sejaõ naõ só a satisfaçaõ do primeiro tributo devido á Sociedade, e o cumprimento de nossas obrigações civiz, mas tambem a satisfaçaõ, e o cumprimento de nossas obrigações religiozas: nas nossas Orações particulares, nos Officios, e Preces publicas da Igreja, e sobre tudo na acçaõ do Sacrificio da Missa devemos empenhar naõ só o pobre merecimento de nossas supplicas, mas todo o valor infinito deste Divino Holocausto, e de sua Victima ineffavel pela paz, e saude do povo em geral, e em especial pelo Rei, pelo Principe Regente, e por toda a Real Familia. Se os Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, se os Santos Bispos da primitiva oravaõ, e intercediaõ a Deos Nosso Senhor pela prosperidade do Imperio Romano, e pelo bem dos Despotas, e Tyranos, que os mataraõ; que devemos nós fazer os Brazileiros pelos nossos Principes, amantes Paes da Patria, Libertadores, e Defensores do Brasil? Para cumprir com esta doce obrigaçaõ do Episcopato, logo que Nós tivemos a ventura de nos vermos nesta Cidade no seio de nos-

sas queridas ovelhas, a primeira coiza em que Cuidámos foi ordenar pela Nossa Carta Pastoral de 19 de Setembro de 1808, que todos os dias impreterivelmente nas Missas privadas e solemnes se recitasse por todos os Sacerdotes do Bispado, depois das Collectas, Secretas, e Postcommunios a Oraçaõ = *Et Famulos tuos &c.* = que se acha no fim do Missal Romano: e para que naõ haja a mais leve ommissão, ou descuido neste dever Tornamos a recommendar a mesma Oraçaõ, que aqui Damos por extenso, com a addiçaõ das palavras relativas ao Principe Regente, por certo mui Digno de maiores distincções pelas suas heroicas virtudes patrioticas, pela sua liberalidade.

Et famulos tuos Papam nostrum Pium, Antistitem nostrum Josephum, Regem nostrum Joannem, Reginam, Principem Regentem perpetuum Brasiliæ Defensorem, et Principes cum prole Regia, populo sibi commisso, et exercitu suo, terra, marique ab omni adversitate custodi: pacem, et salutem nostris concede temporibus, et ab Ecclesia tua cunctam repelle nequitiam; paganorum, et hæreticorum superbiam dexteræ tuæ virtute prosterne. Per Dominum nostrum Jesum Christum .... vel *Per eundem Dominum ....* vel *Qui vivis, et regnas.*

E para vir á noticia de todos Mandamos áos Reverendos Parochos, que logo que da Nossa parte receberem o traslado impresso desta Nossa Carta Pastoral, a leião em voz alta na occazião do maior Concurso do Povo na Igreja; que a fação registar nos Livros da Parochia, e enviem Certidão á Nossa Camera de que assim o tem cumprido, na fórma de similhantes. Dada e passada na Residencia Episcopal do Rio de Janeiro sob Nosso signal, e sello de Nossas Armas aos 30 de Junho de 1822. E eu o Padre Francisco dos Santos Pinto, que a subscrevi como Secretario do Bispado.

José, Bispo Capellão Mór.

Logar (✠) do Sello.

Carta Pastoral, em que Vossa Excellencia Reverendissima recommenda ao Clero Secular, e Regular, que exhortem os póvos á união, e concordia entre si; respeito, e obediencia ao Governo estabelecido; e outras providencias ao mesmo respeito.

NA TYPOGRAPHIA DO DIARIO.

C. 82.

010414